

O livro *Ressentimento: clínica psicanalítica*, de Maria Rita Kehl, trata de um tema muito atual. Esse afeto é abordado de diversas formas no desenvolvimento dos vários capítulos, desde sua conceituação e seu percurso histórico, até sua repercussão na política, na filosofia e nas artes.

Na Psicanálise, a autora ancora-o de maneira original, articulando-o com conceitos tais como narcisismo, campo pulsional, culpabilidade e masoquismo, e traça um interessante caminho para a compreensão da melancolia.

Nietzsche é recuperado ao se mostrar que as próprias instituições psicanalíticas mal reconhecem seu papel histórico e, muitas vezes, o entrecruzamento das obras de Freud e Nietzsche: “O termo *ressentimento* não é nem ao menos mencionado no *Vocabulário da Psicanálise* de Laplanche e Pontalis” (p. 25).

A autora faz uma releitura do complexo de Édipo, acentuando a relação horizontal, ou seja, entre os irmãos, em vez de se ater apenas à clássica relação com os pais: “Não é a fortuna do imperador de um reino distante, mas o modesto enriquecimento de seu vizinho que parece intolerável ao invejoso. *Não é o pênis do pai que a menina inveja: é o do seu irmão* – supostamente tão amado, tão valioso aos olhos dos pais quanto ela” (p. 55). Essa é uma maneira interessante de pensarmos a função paterna nos tempos em que essa figura sofre imensas transformações no campo social.

Ressentimento – clínica psicanalítica

Resenha de Maria Rita Kehl, **Ressentimento: clínica psicanalítica**, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004, 247 p.

Ao abordar as histerias, Kehl faz uma articulação entre inveja e ressentimento: “Se a inveja está na origem das configurações subjetivas próprias da histeria, o ressentimento está na linha de chegada, bem no lugar onde Freud imaginou que a histérica – nesse caso quero particularizar a histeria nas mulheres – teria selecionado, bem ou mal, seu problema” (p. 67). Essa idéia mostra claramente que o metabolismo da inveja no sujeito desemboca no ressentimento.

Para que isso não ocorra, a autora defende que, na ocasião do sepultamento do complexo de Édipo, uma nova posição pode ser alcançada, ou seja, o acesso à “pura diferença, sem qualquer sinal de valor positivo ou negativo, implica destruir a face imaginária do OUTRO: a face do amor, das preferências (maternas/paternas), dos apelos à identificação” (p. 71). Ou seja: “vivemos sim em uma ordem simbólica, mas essa ordem é *impessoal*” (p. 71). Acredito que esse ponto seja nodal em toda situação analítica e diz muito a respeito do lugar do analista e de sua própria análise na condução de qualquer processo analítico.

Outro traço que quero salientar acerca do ressentimento é a questão da vingança adiada, que ocupa no ressen-

tido um lugar central de sua subjetividade e faz com que ele não se ocupe do presente de forma ativa, mas viva-o sempre de forma reativa. Isso acaba por lhe trazer a todo momento uma sensação de estar fora da vida, pois a vida inclui sempre a potência e um contínuo movimento de expansão, situação esta bastante debilitada em pessoas reativas como os ressentidos.

Outro aspecto que quero aprofundar é a impossibilidade de esquecimento de episódios que o ressentido tenta sempre presentificar e cristalizar: “O ressentido é um escravo de sua impossibilidade de esquecer. Vive em função de sua vingança adiada, de modo que em sua vida não é possível abrir lugar para o novo” (p. 91).

Isso nos sinaliza para o universo repetitivo em que o ressentido se instala, universo extremamente tanático e com pouquíssimas possibilidades de orquestrações de novas formas.

No capítulo sobre o ressentimento na literatura, a autora faz um trajeto que começa com *Ricardo III*, de Shakespeare, escrito na transição do Re-

nascimento. Nessa obra, aborda-se um personagem “como força histórica, um afeto que perpassa os termos violentos e injustos da luta pelo poder” (p. 128). Esse personagem, a meu ver, faz contraponto com os outros personagens que a autora analisa em seu livro.

O personagem Raskolnikov, de *Crime e castigo*, de Dostoievski, está inserido em plena modernidade e “representa o advento do personagem psicológico interiorizado, atormentado pela culpa, debatendo-se em suas altas pretensões e sua pequena estatura de homem” (p. 138).

O personagem Paulo Honório, da novela *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, vive no Brasil do século XX. Seu autor “faz do ressentimento de seu personagem o sintoma da decadência de um mundo autoritário e brutal de dominação que começava a ser, pelo menos moralmente, desbancado pela expansão de uma democratização tardia da sociedade rural brasileira” (p. 138).

E por último a autora analisa *As brasas*, de 1940, do escritor húngaro Sándor Márai. Na análise dessas obras em que perpassa o ressentimento, Kehl constata que é necessária, do ponto de vista político-cultural, “a existência de uma ordem social na qual um direito tenha sido garantido por antecipação a todos” (p. 139).

Acerca da tragédia de Ricardo III, vemos uma diferenciação entre ressentido e vingativo. Em Ricardo faltam “os escrúpulos, a pretensão de natureza moral, a covardia em se comprometer com o seu desejo; falta-lhe passividade – e não lhe falta coragem...” (p. 145).

Enfim, uma importante constatação é feita: o que tem a ver o estudo do ressentimento e a tragédia pública anterior ao século XVIII, mais ainda, entre as tragédias históricas e as individuais? A resposta é sucinta: “É que os pressupostos do individualismo são determinantes para a construção do personagem ressentido” (p. 155).

Quero analisar a última frase da autora nesse capítulo: “A ‘vontade de potência’ de Ricardo III coloca a radicalidade de Nietzsche em questão” (p. 159).

Esse é um assunto um tanto quanto espinhoso, pois, a meu ver, mesmo quando Nietzsche eleva esse conceito à sua maior potenciação, este vem sempre ancorado à idéia de responsabilidade e ética, o que faz com que o conjunto de sua obra, inclusive, possa ser muito útil na atualidade. A meu ver, portanto, a “vontade de potência” de Nietzsche está mais próxima da idéia de virtual, de desejo, de pré-ato, da intensidade do devir, do que do exercício do poder propriamente dito.

Ao analisar *Crime e castigo*, Kehl ressalta o aspecto do olhar da mãe sobre o protagonista Raskolnikov. Esta faz uma aposta narcísica imensa

sobre esse filho, e este, não podendo sustentá-la, toma caminhos inusitados: “Diante da dívida instituída por tão grande aposta, na expectativa de que o mundo reconheça nele o olhar sustentado pelo olhar da mãe, Raskolnikov tornou-se, ao mesmo tempo, pretensioso e fraco” (p. 164).

Essas combinações explosivas desencadeiam um assassinato deslocado de sentido, “pratica-o para provar uma ousadia que não possui” (p. 164), abrindo cada vez mais sua cisão, palavra essa já contida no desejo materno: “Raskol, um homem em cisão consigo mesmo” (p. 165). Todo o ressentimento de Raskolnikov provém de ele ser um homem inteiramente colado no que Nietzsche chama de “forças reativas”, que distanciam-no da vida, pois esta é afirmada nas “forças ativas”. O protagonista se acomoda e não consegue virar esse jogo. Sua relação com Sônia se passa totalmente dentro desse universo reativo, ou seja, esse protagonista, em muitos aspectos, é paradigma do ho-

mem do século XIX, cuja falência acontecerá com a queda do sistema imperial anterior à Primeira Grande Guerra.

Em *São Bernardo*, o interessante é que o ressentimento acontecerá com o suicídio de Madalena e fará explodir “o ressentimento que já estava latente em Paulo Honório” (p. 173), apontando para a dinâmica do ressentimento na estruturação coronelística nordestina – o que também desencadeará uma séria transformação no protagonista após esse episódio.

Em *As brasas*, Kehl segue o percurso do ressentimento na vida dos protagonistas por muitas décadas – o ressentimento como fio condutor da história –, e, a meu ver, devemos também ressaltar que apenas esse sentimento não dá conta de outros afetos, tais como o homoerotismo latente na relação dos personagens principais. Não acredito que o ressentimento seja, sozinho, suficiente para esse reencontro quarenta anos depois. “O próprio Henrik pergunta: que vingança é essa? E ele mesmo responde: A vingança consiste sim-

plesmente em você ter vindo me ver, em ter atravessado o mundo em guerra e os mares infestados de minas para vir até aqui...”.

No final do livro, em “Políticas do ressentimento”, a autora assinala que “o ressentimento é uma relação afetiva que serve aos conflitos característicos dos indivíduos e grupos sociais no contexto das democracias modernas” (p. 205).

A autora faz um importante arrazoado desse sentimento com o pressuposto da igualdade social nas atuais democracias, enfatizando a situação na sociedade brasileira.

A riqueza do livro, a meu ver, está na multiplicidade de recursos que a autora mobiliza nos detalhes com que o tema é tratado e nas sutilezas exploradas com muito tato.

Termina o livro: “O ato político implica sempre um risco de desestabilizar a ordem” (p. 242). Isso aponta para a criatividade que é sempre desestabilizadora e que possibilita o novo. Esse escrito mostra como um tema tão árduo pode nos conduzir a uma infinidade de questionamentos.